

UMA REFLEXÃO SOBRE AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES DE SHAKESPEARE

Júlia Pereira Fraga
(UFBA – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

Júlia Pereira Fraga atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia na linha de pesquisa Tradução Cultural e Intersemiótica. Graduada em Letras/Português e Inglês pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: juliapefraga@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
<p>Shakespeare é um homem de muitas faces. Seu rosto está presente em pinturas, desenhos, filmes, séries e até mesmo bolos ou patinhos de borracha. Apesar disso, a incerteza ronda seus retratos considerados oficiais. Porém, há uma ideia reconstruída coletivamente de como Shakespeare se parece: reconhecemos de imediato a figura relativamente calva, de rosto plácido e com feições aquilinas que não chegam a ser feias ou bonitas, usando um brinco em uma de suas orelhas e vestido com um colarinho branco que era moda nos séculos XVI e XVII. Esse reconhecimento da figura shakespeariana se dá pela reprodução da imagem do Bardo de Avon como um signo carregado de um sentido cultural. Nós, contemporâneos, reproduzimos esse signo a fim de colaborar com a bricolagem imagética que temos do texto de partida, que é a vida e a obra de um dos maiores dramaturgos ingleses. Cada pessoa que reproduz a imagem shakespeariana modifica, parodia, presta homenagem e redesenha aquilo que se tem como a imagem tradicional. É nesse perpétuo ato de modificar a tradição que este ensaio pretende trazer uma reflexão sobre a perpetuação da vida e da obra de Shakespeare, tendo como base as reconfigurações feitas através dos anos.</p>	<p>Shakespeare is a man of many faces. His face is present in paintings, drawings, movies, series and even cakes or rubber ducks. Despite this, uncertainty surrounds his portraits considered official. However, there is a collectively constructed idea of what Shakespeare looks like: we immediately recognize the relatively bald figure, with a placid face and aquiline features that are not ugly or pretty, wearing an earring in one of his ears and dressed in a white collar that was fashionable in the 16th and 17th centuries. This recognition of the Shakespearean figure takes place through the reproduction of the image of the Bard of Avon as a sign loaded with cultural meaning. We, contemporaries subjects, reproduce this sign in order to collaborate with the imagery bricolage that we have of the source text, which is the life and work of one of the greatest English playwright. Each person who reproduces the Shakespearean image modifies, parodies, pays homage to and redesigns what is considered the traditional image. It is in this perpetual act of modifying tradition that this essay intends to bring a reflection on the perpetuation of Shakespeare's life and work, based on the reconfigurations made over the years.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Shakespeare; Adaptação; Representação.	Shakespeare; Adaptation; Representation.

"Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona da mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos" (HALL, 2016, p.32). Para representar alguma coisa, existe, de acordo com Charles Sanders Peirce (SANTAELLA, 1983), um processo triádico semiótico: o objeto em si existe, o objeto é pensado e o objeto é reproduzido. Passamos do conceito para a palavra e depois a utilizamos como referência para a reprodução. Carregamos conosco um conjunto de conceitos e de representações mentais que têm significado para nós e que podem ter sentido para uma comunidade, apesar das diferenças específicas que cada sujeito carrega em sua "mala de sentidos". Essa mala de sentidos entra em comunhão com diversas outras malas de sentidos quando compartilhamos nossas maneiras de pensar com outras pessoas. É no compartilhamento de sentidos que vemos a cultura e a pluralidade dos sujeitos. Fazemos isso por meio da linguagem e da representação artística da nossa mala de sentidos — isso é construído em conjunto com um grande acordo compartilhado pela comunidade.

A comunidade reconhece algo por meio de um signo que representa um conceito. O signo pode ser uma palavra, um som, uma imagem ou qualquer traço reconhecível daquilo que se quer representar. É por meio da interpretação e do sentido que reconhecemos a tradução materializada de algum conceito. Existe uma intrincada relação de sentidos compartilhados que constitui a cultura e faz com que exista uma inteligibilidade entre os sujeitos significadores. Assim sendo, a representação é o sentido produzido por meio de alguma linguagem que comunica, pelos signos, as relações entre conceitos e objetos — reais ou ficcionais — de forma a traduzir algo inteligível para uma comunidade cultural.

O sistema representativo depende do capital cultural daquele referente que é reproduzido e codificado por sujeitos variados. Em outros termos, um referente local será significativo para aquela comunidade, mas se seu capital cultural — ou até mesmo sua influência global — for grande, a rede de significação se expandirá para sujeitos geograficamente distantes. Essa influência global se relaciona ao capital cultural expandido pela colonização do Norte. A expansão das redes de sentido do colonizador chega aos quatro cantos do globo e, podemos dizer que muitas dessas redes de sentido que culturas do Sul possuem são moldadas pelas mãos do colonizador (a discussão sobre a influência dos países colonizadores que molda a maneira como interpretamos a cultura vinda de lá e a cultura que nós produzimos é grande e talvez complexa demais para aprofundamento nesse pequeno texto, mas deixo aqui esse pingão de reflexão).

A influência das redes de sentido é tão intensa que, só de bater o olho na seguinte ilustração, a grande maioria das pessoas compreenderá qual é o referente:



FIGURA 1. Ilustração de Shakespeare (autoria própria)

A ilustração, mesmo que simples, já traz à mente de imediato o referente em questão: William Shakespeare, o Bardo de Avon. A partir dessa imagem, forma-se a rede de sentidos referentes a ela: podemos pensar nas obras do dramaturgo, como *Hamlet*, *Macbeth*, *Romeu e Julieta* ou podemos pensar nos célebres versos do *Soneto 18* "Se te comparo a um dia de verão / És por certo mais belo e mais ameno" ou podemos pensar em alguma adaptação de sua vida ou obra. As possibilidades são muitas exatamente em razão da grande rede de sentido atrelada a biografia e a obra shakespeariana. Shakespeare, nascido em 1564, conta com 1.624 créditos no site IMDB — Ou seja, existem milhares de obras audiovisuais creditadas a um homem que nasceu antes mesmo de qualquer pensamento relacionado à captura de imagens em movimento. Em uma simples pesquisa de imagens no Google é possível encontrar uma quantidade gigantesca de representações da sua figura física em ilustrações, pinturas e ícones.

A ideia de que alguma representação de Shakespeare é de fato uma representação de sua imagem "verídica" passa por um grande acordo coletivo de que um homem relativamente calvo, de rosto plácido e com feições aquilinas que não chegam a ser feias ou bonitas, usando um brinco em uma de suas orelhas e vestido com um colarinho branco que era moda nos séculos XVI e XVII é, de fato, o retrato que representa o maior dramaturgo da língua inglesa. Portanto, combinamos coletivamente que Shakespeare se parece com essa representação corrente. A maioria de nós conseguiria reconhecer a imagem de Shakespeare por termos conosco essa ideia pré-programada de como ele se parece.

O curioso é que nem mesmo os estudiosos sabem exatamente qual a face

verdadeira de Shakespeare. De acordo com Liana Camargo Leão (2009) e Bill Bryson (2008), somente três dos retratos de Shakespeare são potencialmente fiéis a imagem do Bardo por terem sido elaborados durante a vida ou logo após a morte do autor: a efígie na Igreja da Santíssima Trindade de Stratford, a gravura de Martin Droeshout e o retrato de Chandos. Porém, os três retratos divergem entre si em relação a algumas características do Bardo: a gravura de Martin Droeshout que estampa o Primeiro Fólio é mal diagramada — olhos de tamanhos diferentes com um semblante um pouco assustado, uma boca meio torta e uma cabeça que parece flutuar por conta do grande colarinho. A efígie é o busto funerário que se encontra na igreja em que Shakespeare foi enterrado — neste busto vemos uma figura arredondada e sem muita definição das feições, já que a pintura feita por cima da escultura não muito detalhada foi renovada muitas vezes e por diversas mãos desde sua instalação. O retrato de Chandos é a pintura mais atraente e mais reproduzida pela sua melhor definição — nela foi possível depositar as esperanças de um Shakespeare aventureiro e boêmio por conta de um brinco e de um olhar interpretado como sensual, mas não existe uma documentação que ateste que aquele retrato é de fato de Shakespeare, podendo ser de um completo estranho tido por séculos pelos famintos shakespeareianos como do dramaturgo. Resumidamente, a ilustração é feia, a escultura foi modificada e a pintura pode nem ser de fato uma representação de Shakespeare. Todas as referências imagéticas dos estudiosos e dos bardólatras em relação à imagem de Shakespeare podem ser simplesmente equivocadas ou manipuladas.



FIGURA 2: “Retrato de Chandos” (Autor desconhecido, 1610)



FIGURA 3: Monumento Funerário de William Shakespeare, esculpido por Gerard Johnson

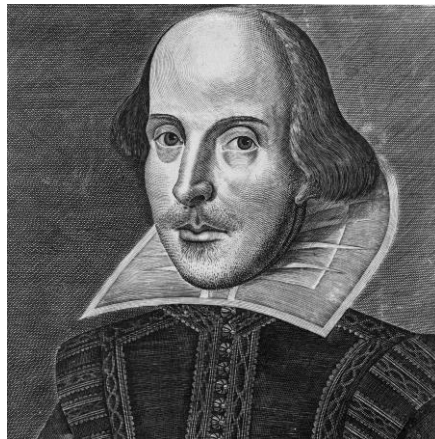


FIGURA 4: Gravura de Martin Droeshout, 1623

O que temos hoje como a imagem de Shakespeare é um acordo cultural coletivo feito e refeito durante anos. Cada representação feita a partir desse acordo integra a grande bricolagem que forma o imaginário e a representação shakespeariana. Cada sujeito que se dispõe a adicionar uma representação alimenta o imaginário e a imagem de como poderia se parecer o dramaturgo que escreveu *Hamlet*.

Walter Benjamin, em seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, articula que a autenticidade de alguma coisa é aquilo que foi transmitido pela tradição, desde sua origem até a sua perpetuação. A duração e a reconfiguração de uma obra demonstram o testemunho histórico daquilo que perdura. Ou seja:

[o] conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da sua reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido (BENJAMIN, 1987, p. 168-169).

Porém, essa aura, por meio da adaptação e da representação pode ser ativamente recontextualizada a fim de gerar sentidos críticos para o público que consumirá o produto reproduzido. Nesse sentido, Benjamin também afirma que a representação consegue "retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura" e, por isso, essa aura tem "a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar 'o semelhante no mundo' é tão aguda que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único" (BENJAMIN, 1987, p. 170).

Na representação shakespeariana, a aura canônica é modificada através das milhares de representações da biografia, da imagem física e da obra literária. No ato de reproduzir, cada sujeito que produz uma nova representação é o responsável por difundir a nova imagem, baseado naquilo que acredita ser o real. Aquele Shakespeare que viveu na Inglaterra entre 1564 a 1616 não é o mesmo representado em seus "retratos oficiais" — a efígie na Igreja da Santíssima Trindade de Stratford, a gravura de Martin Droeshout e o retrato de Chandos — muito menos é o Shakespeare do filme *Shakespeare Apaixonado* (1998) ou do filme *A Pura Verdade* (2018). Aquele Shakespeare já não existe mais e o que temos hoje é um eco perpassado por diversas vozes que representam o dramaturgo inglês à sua maneira.

A cultura popular é como um grande conjunto de significações coletivas — ou como exposto por Stuart Hall, um grande "compartilhamento de significado". Nessa partilha, cada sujeito cultural diversifica aquele significado corrente e o interpreta de acordo com sua bagagem histórico-política, subjetivada de acordo com suas emoções. O significado que passa pelo sujeito se torna o sentido e este também é produzido por meio dos "objetos culturais", ou seja, os meios midiáticos que produzem encadeamentos de sentido passíveis de consumo e de apropriação.

Como sujeitos contemporâneos, somos marcados por nossa temporalidade e, ao nos voltarmos para o passado, o re-evocamos e o revitalizamos (AGAMBEN, 2009, p. 69). Deslocamos o passado para o presente a fim de atingir uma possibilidade do que poderia ter sido — um passado hipotético. Nos colocamos como agentes contemporâneos no passado para representá-lo de acordo com nosso contexto atualizado, nossas visões, lutas e sentidos. Julio Plaza (2004) cita Walter Benjamin e apresenta como o tradutor se coloca

Nesta colagem vemos os três retratos considerados oficiais pelos bardólatras (a efígie na Igreja da Santíssima Trindade de Stratford, a gravura de Martin Droeshout e o retrato de Chandos) e outros 26 ecos, dos mais tradicionais aos mais inusitados: esculturas, caricaturas, caracterizações televisivas ou fílmicas, desenhos, bonecos, um pato de borracha e um bolo.

Temos aqui também representações artísticas mais clássicas como uma escultura de mármore esculpida pelo escultor italiano Monti, destinada à família inglesa de Chatsworth em 1861, pinturas e gravuras variadas como o Retrato de Shakespeare de 2017 com técnica mista de pintura e colagem feita por Venus Artist, a pintura viva e florida de Amy Lindemann feita em 2016, a caricatura feita por Neale Osborne e a ilustração expressionista feita com carvão por Lenka Davidikova em 2016.

Presente também na colagem se encontram várias representações da imagem de Shakespeare no audiovisual. Desde os primeiros anos do cinema, em seu modo experimental no alvorecer desta arte, já vemos Shakespeare na tela silenciosa de George Méliès — em *Shakespeare Writing 'Julius Caesar'* de 1907 em que o próprio cineasta interpreta Shakespeare. Outra representação é a de *Master Will Shakespeare*, de 1936, um curta promocional dirigido por Jacques Tourneur que apresenta uma breve biografia do dramaturgo. Já na TV, Shakespeare se encontra presente em diversas séries, às vezes como o personagem principal ou às vezes só como um visitante — as representações escolhidas para fazerem parte da colagem foram: o Shakespeare de John Williams no episódio "The Bard" da série *Twilight Zone* (1963); o Shakespeare de Hugh Walters no episódio "The Chase" da série *Doctor Who* (1965); o Shakespeare dublado por Chris Edgerly em *Os Simpsons* (1991) — a primeira representação amarela de Shakespeare no universo desta série animada —; o Shakespeare de Rupert Graves em *Waste of Shame*, um drama para TV dirigido por John McKay de 2005; o Shakespeare de Dean Lennox Kelly do episódio "The Shakespeare Code" da série *Doctor Who* (2007); e o Shakespeare de Reece Shearsmith no episódio "Hard Times" da série *Good Omens* (2019).

Uma das representações mais famosas presentes na colagem é a do premiado *Shakespeare in Love*, de 1998, filme dirigido por John Madden e vencedor do Oscar de melhor filme, melhor atriz, melhor atriz coadjuvante, melhor roteiro original, melhor trilha sonora, melhor direção de arte e melhor figurino. Nesse filme, Joseph Fiennes é Shakespeare e preenche, de forma criativa, os acontecimentos que poderiam fazer parte da biografia e da subjetividade shakespeariana.

Outras representações audiovisuais da figura de Shakespeare são das séries *Upstart Crow* de 2016, *Miguel y William* de 2007, *Bill* de 2015, *Will* de 2017 e *All is True* de 2018.

Presentes também na colagem estão objetos comercializáveis que fazem parte do processo mercadológico da figura de Shakespeare — o dramaturgo é rentável e, por isso, se multiplica por entre lojas em formato de bonecos, souvenirs, estampas e mimos. Temos o famoso *Quackspeare*, um pato de borracha que é quase como um grande mascote do próprio Teatro Globe. Através da *hashtag* #quackspeare no Instagram percebe-se a grande difusão do patinho com as feições shakespearianas. É possível assistir uma peça e comprar o pequeno souvenir dentro do Teatro que é uma cópia exata do Globe que foi erguido pelo próprio Shakespeare e sua companhia de atores em 1599.

Neste mesmo raciocínio mercadológico, temos a representação de Shakespeare como um Lego, uma marca de brinquedos que tomou as telas e fez de seus brinquedos personagens em diversas animações, além da representação irreverente em que Shakespeare é uma caixa de lenços. Sem esquecer, é claro, do bolo com a face shakespeariana que se encontra na colagem para demonstrar a capacidade da figura do dramaturgo penetrar em todas as esferas representacionais — e gastronômicas.

Todos esses ecos, dos mais tradicionais aos mais inusitados, carregam Shakespeare e fazem parte da grande construção coletiva dos sentidos que ronda a aura de um dos maiores dramaturgos do ocidente. Cada Shakespeare, desde ilustrações a patos de borracha, tem um pouco de cada sujeito que elaborou, pintou, encenou e produziu aquela representação.

Outro detalhe presente na colagem são as várias versões da assinatura do próprio Shakespeare — cada uma de um jeito — para sugerir que o próprio dramaturgo possuía uma fluidez representacional de si mesmo. De acordo com Bill Bryson, a primeira variante na grafia da assinatura de Shakespeare foi encontrada nos contratos de casamento com a esposa Anne Hathaway — a pena grafa no papel a versão "Shagspere".

A ortografia da língua inglesa no Século XVI era bastante variável e recaía também nas grafias dos nomes: só o nome de William Shakespeare possui um registro de mais de oitenta grafias diferentes — desde Shappere a Shaxberb (BRYSON, 2008, p. 112). As potenciais assinaturas feitas pelo autêntico punho shakespeariano se encontram em seus fólios e em documentos oficiais — certidões, processos, hipotecas e no testamento. Nesses documentos históricos em que a caligrafia não era das melhores, é possível reconhecer a versão de 1612 presente em uma deposição de Shakespeare como testemunha de um processo, "Willm Shkp"; as versões "William Shaksper" e "Wm Shaksper" nos documentos de uma casa em Blackfriars em 1613; e três versões em páginas diferentes de seu testamento de 1616: "William Shakspere", "Willm Shakspere" e "William Shakspeare". Na colagem, também está presente uma das versões de assinatura do Primeiro Fólio, de 1623, ou seja, uma reprodução póstuma da assinatura de Shakespeare.

Nada melhor do que uma colagem para representar uma visão da contemporaneidade sobre Shakespeare, visto que o que temos hoje é exatamente esta mistura híbrida de sentidos, visões e representações. E o que poderia ser Shakespeare senão uma grande colcha de retalhos de contares e representares?

Podemos não saber ao certo como Shakespeare era — talvez nem ele mesmo sabia, muito menos teria a dimensão de que sua obra e sua biografia se perdurariam ao ponto de uma pessoa brasileira no século XXI produzir uma colagem com uma parcela das representações que cercariam sua imagem —, mas cada sujeito que adiciona sua contribuição ao imaginário coletivo ajuda a perpetuar as várias representações shakespearianas que já ecoaram em algum lugar do tempo.

ANEXO



Legenda da Colagem ¹

¹ A colagem que motivou a escrita deste ensaio possui variadas representações imagéticas do Bardo e, por isso, necessita de uma legenda para o reconhecimento das figuras que fazem parte dessa montagem digital. A colagem é uma grande representação daquilo que chamei no texto de “mala de sentidos”, ou seja, apresenta a metáfora de forma ilustrativa de um conjunto de representações que forma a aura shakespeariana. A colagem digital apresenta 29 representações diferentes da mesma pessoa: William Shakespeare. Além disso, são inseridas em sua constituição cinco assinaturas oficiais encontradas em documentos, testamentos e publicações que são ditas como feitas do próprio punho do Bardo. Cada assinatura é grafada de forma diferente, um espelho da ortografia liberal da era vitoriana. A legenda indica, da esquerda para a direita e de cima para baixo, seguindo a ordem dos números de cor laranja, para destaque visual, o título e autor da representação, pontuando também os atores que performaram o papel de Shakespeare. As assinaturas estão sublinhadas com um traço também laranja para melhor visualização.

1. *Shakespeare vs. Shaw* (1949) — Peça de marionetes escrita por Bernard Shaw.
2. *Upstart Crow* (2016) — Série de comédia britânica que foi ao ar na BBC para comemorar o 400 aniversário de Shakespeare. David Mitchell é Shakespeare.
3. *Miguel y William* (2007) — Comédia romântica espanhola dirigida por Inés París. Will Kemp é Shakespeare.
4. *Bill* (2015) — Filme de comédia dirigido por Richard Bracewell. Mathew Baynton é Shakespeare.
5. Busto em mármore de William Shakespeare (1861) — Esculpida pelo escultor italiano Monti.
6. Episódio "The Bard" da série *Twilight Zone* (1963) — John Williams é Shakespeare.
7. Arco episódico "The Chase" da série *Doctor Who* (1965) — Hugh Walters é Shakespeare.
8. Shakespeare por Lenka Davidikova (2016).
9. *Master Will Shakespeare* (1936) — Curta biográfico dirigido por Jacques Tourneur.
10. Clipart de Shakespeare (autor e data desconhecidos).
11. *Shakespeare Writing "Julius Caesar"* (1907) — curta metragem mudo dirigido por Georges Méliès, atualmente considerado perdido. Georges Méliès é Shakespeare.
12. Bolo de Shakespeare (autor e data desconhecidos).
13. Ilustração de Shakespeare (2021) — autoria própria.
14. Retrato de Shakespeare (2017) — técnica mista de pintura e colagem feita por Venus Artist.
15. *Waste of Shame* (2005) — drama para TV dirigido por John McKay. Rupert Graves é Shakespeare.
16. Retrato de William Shakespeare (2016) — pintura de Amy Lindemann.
17. Shakespeare Lego (2014) — Série de brinquedos.
18. Episódio "Hard Times" da série *Good Omens* (2019) — Reece Shearsmith é Shakespeare.
19. *Quackspere* (2021) — Pato de borracha oficial do Globe Theatre.
20. Episódio "The Shakespeare Code" da série *Doctor Who* (2007) — Dean Lennox Kelly é Shakespeare.
21. *Shakespeare in Love* (1998) — filme dirigido por John Madden. Joseph Fiennes é Shakespeare.
22. Retrato de Chandos (1610) — pintura de John Taylor.
23. Efigie na Igreja da Santíssima Trindade de Stratford (data desconhecida) — Monumento funerário de Shakespeare feito por Gerard Johnson.
24. *Will* (2017) — Laurie Davidson é Shakespeare.
25. Caricatura de Shakespeare (data desconhecida) — caricatura de Neale Osborne.

26. Shakespeare em *Os Simpsons* (1991) — voz de Chris Edgerly.
27. *All is True* (2018) — filme dirigido por Kenneth Branagh. Kenneth Branagh é Shakespeare.
28. Shakespeare Tissue Box (data desconhecida) — produto fabricado por Charmgle.
29. Gravura de Martin Droeshout (1623) — impressão no primeiro fólio feita por Martin Droeshout.

As diversas grafias das assinaturas de Shakespeare — algumas encontradas em seus fólios, rascunhos, documentos oficiais e até mesmo processos jurídicos (BRYSON, 2008).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é contemporâneo. *In*: AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p 55-73.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRYSON, B. **Shakespeare, o mundo é um palco**: uma biografia. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro, Editora Puc-Rio: Apicuri, 2016.
- HUTCHEON, L. **A theory of adaptation**. New York. Routledge, 2006.
- PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- SHAPIRO, J. **1599**: um ano na vida de William Shakespeare. Tradução de Cordélia Magalhães e Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

Título em inglês:

A REFLECTION ON SHAKESPEARE'S MULTIPLE REPRESENTATIONS